

Daisy Xavier

individual | solo show

do AR para LUZ from AIR to LIGHT

curadoria | curator
Luisa Duarte

23 de Agosto - 30 de Outubro, 2021
Brasília



2 Vetores Amarelos | 2 Yellow Vectors, 2021
Acrílica e aquarela sobre tela | Acrylic and watercolor on canvas
146 cm x 207 cm | 57 in x 81 in

Do AR para LUZ – ou sobre uma obra que ensina a cair Luisa Duarte

Já escrevi no passado que a obra de Daisy Xavier trai a vontade, tão atual, de tudo catalogar, esquadrihar, delimitar. Em uma época que apregoa a precisão e a eficácia, seus trabalhos recordam a falácia contida sob a vontade voraz por controle, segurança e resultado. Dando um passo além nessa hipótese, afirmo que a produção da artista faz mais um desvio em relação a um traço marcante da atualidade, qual seja, o de um mundo que se recusa a acolher ambiguidades ou matizes. Não há espaço para “mas”, “porém”, “talvez”, “será?”. As hesitações devem ser descartadas em favor de certezas e afirmações categóricas. A obra de Xavier caminha justamente na contramão de tais características do nosso presente.

A exposição “do AR para LUZ” apresenta quatro séries de trabalhos que, juntas, traçam as linhas de um território movediço, ou seja, aberto a reversibilidades, mutações. O ponto de partida da mostra se encontra no conjunto nomeado de “Pequenas gravidades” (2016). Aqui, veem-se telas de grande e pequeno formato sobre as quais a artista introduz um elemento essencial de sua poética: a rede. A superfície planar é envolvida por fios metálicos que formam relevos, desenhos ondulatórios, movimentos que se contrapõem à rigidez bidimensional do quadro. A rede, assim como a água, não deixa precisar o que está dentro ou fora. Borra as fronteiras, deflagra o trânsito, sem definir o nome do destino. Ou seja, guarda a potência de suspender dualidades, binarismos, em favor de um terceiro que descortina a chance de atravessamentos. O partido pelo indiscernível, por algo que escapa ao enquadramento, parece ser fruto da recusa em forjar uma possível ordem. Ordem incompatível com um inconsciente que, como a água, é fluido, não admitindo sinalizações exatas, tampouco definições estanques.

Nesse sentido, a rede de Xavier pode ser vista como o oposto da grade moderna. A historiadora Rosalind Krauss escreveu linhas célebres a respeito do *grid*: “A grade anuncia um desejo de silêncio da arte moderna, sua hostilidade à literatura, à narrativa, ao discurso. Não se poderia nunca ter escolhido solo menos fértil. Desenvolvimento é precisamente ao que a grade resiste. Aplanada, geometrizada, ordenada, ela é antinatural, antimimética, antirreal. É como a arte se apresenta quando dá as costas à natureza.”ⁱ Poderíamos trocar a palavra natureza por inconsciente e chegaríamos às redes de Xavier.ⁱⁱ A grade moderna foi uma espécie de símbolo maior da abstração geométrica que marcou certa produção da

primeira metade do século passado. Em sua assepsia, em sua regularidade, evocava o ideal racionalista que norteou a modernidade na Europa para o qual o progresso seria alcançado por meio da razão.

Assim, enquanto a trama discursiva da grade privilegiava as formas geométricas, pois estas seriam uma pura manifestação da racionalidade, sem relação com as formas naturais ou com o inconsciente, os voos ondulatórios das redes de Xavier nos endereçam uma experiência diversa. Com os fios metálicos, a artista não desenha a repressiva grade, mas sim sombras e traçados fluidos perpassados por desvios capazes de expandir o espaço frio e bidimensional da tela. Diante desses trabalhos, somos convocados a nos relacionar não somente através da retina, mas de corpo inteiro. Caso façamos um leve deslocamento, e com isso a nossa mirada passe a ver de soslaio, temos simultaneamente a mesma e uma outra obra. Ou seja, estamos diante de um espaço movediço que se redesenha a cada movimento.

Esse diálogo entre a rede e o plano ganha um novo capítulo com os trabalhos que compõem a série “Espaço imediato” (2019), nos quais fios metálicos pousam sobre a tela, erigindo arquiteturas angulosas que ganham a companhia de fios de lã alaranjados. Se as ondas de “Pequenas gravidades” cedem lugar para formas agudas, permanece o jogo que desfaz a planaridade. As redes escapam do quadro, formando desenhos no espaço. Aqui, o vazio e o ar são tão importantes quanto o cheio e o sólido. Notem que a lã, originalmente maleável, surge tesa, mimetizando a haste de metal, enquanto a trama metálica adquire uma flexibilidade insuspeitada.

“Espaço imediato”, por sua vez, dialoga com a série inédita de pinturas, “HÁ COR” (2020), na qual a artista faz um intenso uso cromático, algo raro em sua trajetória. Se, em “Espaço imediato”, metal e lã forjavam um contraponto no qual os papéis originais de cada material eram subvertidos, em “HÁ COR” formas agudas contrastam com a leveza produzida pela mescla entre aquarela e acrílica. Já a repetição, tão presente em sua obra, comparece através da multiplicação de um mesmo desenho, quase-vetores de seis pontas que se sobrepõem deflagrando uma multiplicidade de fragmentos que parecem flutuar no quadro. Entre as redes metálicas etéreas e as telas hipercoloridas, Xavier desenha uma passagem do AR para LUZ.

Não raro, algumas obras da artista têm o seu início com experimentações prosaicas em seu ateliê. Foi o caso desses trabalhos que começaram a ser realizados logo depois do início da pandemia de Covid-19, ou seja, um momento no qual tudo ao redor exalava extrema tensão. A

cor começou a encontrar como primeiro destino elementos ordinários do ateliê, tais como tijolos, galhos, hastes de metal, fragmentos de madeira. Dali, foram para o plano das telas. Notem, não são cores quaisquer. Mas sim azuis, amarelos, magentas, verdes. Cores abertas, solares, luminosas.ⁱⁱⁱ De algum modo, mesmo que não intencional, se dava ali uma espécie de contraponto em relação a um presente grave, marcado de forma indelével pelo signo do peso.

Esse processo que em seu princípio teve a nota da gratuidade, do gesto lúdico de brincar com a luz, com o tempo passou a ganhar uma feição que o alinha à poética da artista. Essas telas nos endereçam uma vez mais a aproximação entre polos distintos com vias à construção de um terceiro lugar. Entre a beleza e a gratuidade das cores e a tensão e rigidez dos vetores/colmeias/redes, entre a precisão e a opacidade dadas pela acrílica e o acaso e a transparência proporcionados pela aquarela, “HÁ COR” gera uma vez mais um território indeterminado e móvel. Pois aqui o fascínio incontornável do evento cromático não encontra morada em alguma espécie de calma dócil, mas, ao contrário, em uma multiplicidade agonística de ângulos que apontam para diversas direções, não nos deixando entrever uma borda ou ponto de repouso.

Completam a exposição os trabalhos reunidos sob o nome de “**Sobre como as coisas caem**”. Aqui, telas verticais apresentam uma especulação recorrente na produção de Xavier, aquela que versa sobre o equilíbrio tênue que permeia a nossa experiência no mundo. Pó de ferrugem, chapa de latão, ácido e ecoline forjam pinturas que, em diálogo com a gravura, desvelam cubos vazados tecidos em metal cujos vestígios guardam a memória de diferentes quedas.

Estamos diante de um gesto caro à obra da artista. Certa vez, um vídeo flagrou poeticamente uma casa sendo demolida; em outra, móveis se tornaram esculturas à beira de uma possível queda – mesas, cadeiras, cômodas, gavetas se esgueiravam buscando uma sustentação que se revelava ao mesmo tempo exata e precária, firme e frágil. Tal equilíbrio sutil era sublinhado pelo fato de garrafas de vidro azuis atuarem como pontos de sustentação das peças. Vidro que tem na sua origem o estado líquido, torna-se um sólido e encarna por toda a vida a iminência da quebra.

Se o título “**Sobre como as coisas caem**” tem como referência o livro *Sete breves lições de física*, de Carlo Rovelli, o interesse da artista pelo repertório das quedas inclui o que diz respeito às ciências exatas, como a lei da gravidade, mas o ultrapassa. Desde a perda de referências que marca a turbulenta experiência contemporânea, passando por abismos, corrosões, desamparos, diversas são as modalidades de “quedas” traduzidas pela poética de Xavier e que encontram mais um ato nos cubos – essas formas comumente ligadas à solidez, perenidade, exatidão – que se põem a cair.

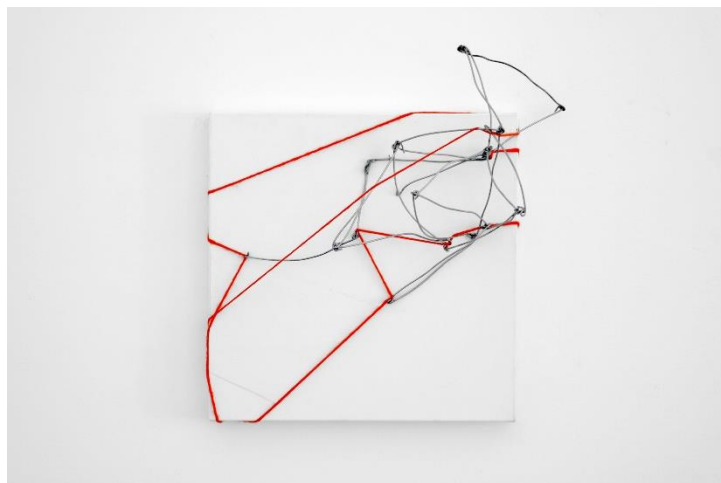
A primeira vez que tomei contato com esses trabalhos foi através de uma troca de e-mails com a artista, datada de outubro de 2019. Partilho aqui a minha parte dessa prática epistolar na era digital. Havia acabado de ler uma entrevista da poeta Ana Martins Marques^{iv} na qual um certo trecho me parecia conversar com questões postas em “Sobre como as coisas caem”. Enviei para Xavier a seguinte passagem da fala de Martins: “*A literatura, e a poesia em particular, não vai nos dar respostas ou programas, nem vai nos dar acesso a algum conhecimento sistemático*

sobre o mundo, mas ela pode dar forma à nossa perplexidade, aos nossos medos, ao nosso desejo, aos nossos desequilíbrios e aos desequilíbrios do mundo. A poeta Luiza Neto Jorge tem um verso muito bonito que diz ‘O poema ensina a cair’. O poema, se for um bom poema, vai nos ensinar a cair, vai gerar desconhecimento, dúvida, hesitação, vai complicar a vida, nos tornar mais inquietos, mais desamparados, mas vai também nos convidar a ver o mundo de uma forma mais complexa, a mudar a compreensão que temos de nós mesmos e dos outros.”^v

Em uma época na qual até o campo da arte, esse campo que deveria nos endereçar alguma opacidade, alguma indeterminação, tantas vezes se revela um lugar no qual encontramos aquilo que já prevíamos, ou seja, no lugar de perguntas, respostas, a obra da artista faz o percurso contrário. Em um mundo no qual tudo ao redor parece falhar – o clima, o capitalismo, a democracia, as gastas epistemologias ocidentais, as falsas promessas tecnológicas –, Xavier parece nos dizer que não se trata de tentar consertar a falha, tampouco de escapar dela, mas sim habitar a falha, “permanecer com o problema”.^{vi}

Acompanhando Martins, podemos afirmar que os trabalhos de Daisy Xavier, como um bom poema, nos ensinam a cair. Estamos aqui em um espaço de indeterminação que não elimina o desamparo, ao contrário. O encontro com a sua obra nos desloca para um terreno movediço que abriga as quedas, as falhas, as hesitações, tornando assim mais inquieta e complexa a experiência com o mundo, os outros e nós mesmos.

São Paulo, agosto de 2021



Vão | Flight, 2019
Rede de metal e lã sobre tela | Metal and wool net on canvas
40 cm x 40 cm x 12 cm | 15.7 in x 15.7 in x 4.7 in

ⁱ Rosalind Krauss, *Grades*, 1978. Ver:

<<https://textosetextos.wordpress.com/2014/11/21/grades-rosalind-krauss-1978/>>.

ⁱⁱⁱ Vale notar como a artista por vezes busca nas formas da natureza a morada da sua geometria; avencas e casas de vespas podem compor o seu repertório de geometrias/arquiteturas sensíveis.

ⁱⁱⁱ No começo de sua trajetória, Daisy Xavier olhava com atenção e admiração a obra do francês e exímio colorista Henri Matisse (1869-1954). Em conversa com a artista, lembramos do seu nome para pensar o retorno à cor nessa nova série de trabalhos.

^{iv} Em um texto anterior sobre a obra da artista, de minha autoria, “A arte de se equilibrar numa ausência”, eu lançava mão de um poema de Ana Martins Marques, intitulado “Mesa”, presente em seu livro *A vida submarina* (Companhia das Letras, 2009).

^v Ver: <https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_115_web>.

^{vi} Ver: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/132>>. Donna J. Haraway. *Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno*. Trad. Helen Torres. Ed Consonni, 2019.